

Acordos, a herança deixada por Marcílio

A área externa tem as melhores notícias econômicas para o novo Governo. O Brasil fechou o **term-sheet** (minuta do acordo com os bancos privados) para a renegociação de uma dívida de US\$ 49 bilhões; o saldo comercial pulou de US\$ 10 bilhões para US\$ 15 bilhões; e as reservas do país mais do que dobraram, dos US\$ 8,41 bilhões em maio, quando Marcílio tomou posse, para US\$ 18,11 bilhões em junho.

Marcílio deixa o cargo depois de cumprir uma de suas principais metas: a normalização das relações do Brasil com a comunidade financeira internacional — que acabou sendo obtida devido a seu crédito pessoal, já que o Brasil não vem conseguindo cumprir algumas das metas acertadas com o FMI em janeiro último. E o ex-ministro conseguiu também fechar um acordo com o Clube de Paris, que reúne governos e instituições oficiais credoras.

Marcílio tinha uma boa e antiga relação com os credores, e estava disposto a negociar até onde fosse preciso. Segundo economistas, o acordo que o Brasil conseguiu fechar com os credores é um meio termo entre o que o ministro propusera inicialmente e a contraproposta dos banqueiros.

Os problemas entre o país e o sistema financeiro internacional haviam se agravado durante a gestão de Zélia Cardoso de Mello, porque os credores nunca aceitaram a tese defendida por ela e sua equipe — de que o Brasil pagaria seus compromissos, sim, mas desde que para isso não precisasse usar os recursos necessários ao seu desenvolvimento.